

COMÉRCIO

FMS CPM GERIN

BIBLIOTECA

Jornal Bahia Hoje

Data 15.06.94

Caderno Cidades de Bahia 1

Página

Seção

Assunto Bairro (Comércio)

I RUA PORTUGAL

À sombra dos oitizeiros

JOSÉLIA AGUIAR E SANDRA
SALISVÂNIA ♦ REPÓRTERES

De paletó e gravata, passam os executivos apressados. De tênis, jeans e camiseta, documentos nas mãos, os *boys* caminham por ali ora com passadas largas, ora lentamente, no compasso da conveniência. Donas de casa, aposentados, bancários, bailarinas e funcionários também aproveitam o atalho da Rua Portugal toda vez que circulam pelo Comércio. O motivo? A rua aparentemente é igual a tantas da cidade. Toda essa popularidade surgiu graças à sombra das dezenas de oitizeiros que se enfileiram de fora a fora nas calçadas e transformam a Rua Portugal no mais fresco lugar de passagem.

Abriga bancos, livrarias, restaurantes e lanchonetes, agências de viagem, lojas de roupas e de eletrodomésticos. Quase de frente ao Mercado Modelo, é cortada pelas Visconde do Rosário, Castro Rabelo e Lauro Müller. O gerente da Arapuã, Jorge França, explica que a freguesia é razoável, formada por pessoas que trabalham na região e aproveitam para comprar na hora do almoço ou num tempinho livre. França reclama da rua, que sofre com a pouca limpeza, com os buracos do asfalto e a iluminação precaríssima. "O nosso horário normal de fechar as portas passou das 18h30 para as 17h", diz.

Se passar disso, o perigo aumenta. O gerente conta que a Rua

luz à noite. "Já fomos assaltados mais de duas vezes e não queremos mais correr o risco". França acredita que o trecho está abandonado por ficar pouco à vista, envolvido por ruelas e quebradas. Desde 1988, ano que começou a trabalhar ali, nunca viu nada melhorar. Quem também reclama é o espanhol Domingo Martinez, há uma década dono da Lanches Lisboa. "A freguesia já foi melhor", lamenta. E aponta, como razão da queda nas vendas, as mais de dez bancas que vendem comida só naquele pedaço de rua. "A concorrência é desleal", reclama.

A Rua Portugal também funciona como opção para estacionar mais barato. É o que confirma o operador da Zona Azul Joel Matos de Souza. Embora os usuários paguem CR\$ 500 por duas horas, muitos *espertinhos* param o carro pela manhã, seguem para o trabalho e só voltam no final da tarde, quando os seis operadores já saíram. "Aí é difícil de controlar", explica Joel.

Outra testemunha da atmosfera agitada é o sapateiro e engraxate José Mendes, há dois anos instalado naquele ponto. Todas as manhãs, sai do Pau Miúdo e chega às 7h na rua. Fica ali até às 17h e garante que o dinheiro conseguido "dá para comprar o pão". Tímido, diz nem se dar conta das figuras que sentam na cadeira e põem os sapatos à disposição do seu *lustre*. Só comenta que "é gente de todo tipo

Nome homenageia dois aviadores lusitanos

A Rua Portugal, uma das mais movimentadas artérias do comércio, recebeu esse nome em homenagem aos intrépidos aviadores portugueses Sacadura Cabral e Gago Coutinho, que aterrissaram a aeronave lusitana por estas bandas em 8 de junho de 1922. Os *gajos* passaram cinco dias em Salvador depois de realizarem pela primeira vez a travessia aérea do Atlântico Sul. A rua que até então se chamava Rua das Princesas recebeu a denominação atual através da resolução de autoria do vereador Arthur Alves Peixoto, com uma emenda substitutiva de Virgílio Américo da Cunha Gonçalves.

Os aeronautas chegaram à capital baiana num pequeno hidroavião e pousaram nas proximidades da ponta norte do quebra-mar defronte a Água de Meninos. Em tempo recorde, os vereadores votaram na Câmara Municipal o projeto de novo nome da rua. Tudo isso para que Sacadura e Gago pudessem participar da comemoração. No mesmo dia de aprovado, a rua foi inaugurada, exatamente dois dias após os portugueses desembarcarem. A urgência do evento, no entanto, não permitiu que as placas de bronze, ornadas artisticamente com o nome da rua, ficassem prontas em tempo para os feste-

Modelo, é cortada pelas Visconde do Rosário, Castro Rabelo e Lauro Müller. O gerente da Arapuã, Jorge França, explica que a freguesia é razoável, formada por pessoas que trabalham na região e aproveitam para comprar na hora do almoço ou num tempinho livre. França reclama da rua, que sofre com a pouca limpeza, com os buracos do asfalto e a iluminação precaríssima. “O nosso horário normal de fechar as portas passou das 18h30 para as 17h”, diz.

Se passar disso, o perigo aumenta. O gerente conta que a Portugal é muito escura e só parte dela tem

maioria, seguem para o trabalho e voltam no final da tarde, quando os seis operadores já saíram. “Aí é difícil de controlar”, explica Joel.

Outra testemunha da atmosfera agitada é o sapateiro e engraxate José Mendes, há dois anos instalado naquele ponto. Todas as manhãs, sai do Pau Miúdo e chega às 7h na rua. Fica ali até às 17h e garante que o dinheiro conseguido “dá para comprar o pão”. Tímido, diz nem se dar conta das figuras que sentam na cadeira e põem os sapatos à disposição do seu *lustre*. Só comenta que “é gente de todo tipo e quilate social”.

PAULO NEVES



Placa de bronze, pode ser vista na esquina da rua e da Praça Cairu

ponta norte do quebra-mar de frente a Água de Meninos. Em tempo recorde, os vereadores votaram na Câmara Municipal o projeto de novo nome da rua. Tudo isso para que Sacadura e Gago pudessem participar da comemoração. No mesmo dia de aprovado, a rua foi inaugurada, exatamente dois dias após os portugueses desembarcarem. A urgência do evento, no entanto, não permitiu que as placas de bronze, ornadas artisticamente com o nome da rua, ficassem prontas em tempo para os festejos.

Só dois anos depois, em 28 de maio 1924, as placas foram arrumadas na rua, podendo ser encontradas ainda hoje nas esquinas da Rua Portugal com a Praça Cairu e a Rua Pinto Martins. A Companhia Valença Industrial doou na época os acessórios. Em 13 de junho, pela manhã, os dois partiram para o Rio de Janeiro; onde chegaram no dia 17. O vôo teve escalas em Porto Seguro e Vitória.

Depois do episódio, Gago Coutinho passou outras vezes por Salvador e em 28 de dezembro de 1953 realizou sua última façanha no ar. Voou de Lisboa ao Rio de Janeiro sem escalas. Sacadura Cabral não teve a mesma sorte do amigo e logo após a travessia do Atlântico morreu em um acidente de avião, quando pilotava a sua aeronave num vôo entre Amsterdam e Lisboa em 19 de novembro de 1924.